

# Dialética...

do, onde não se contempla s ò m e n t e a necessidade imediata e urgente, mas também se tratam tôdas as outras questões, que se deverão resolver a prazo mais ou menos longo.

Que dirão agora os membros daqueles partidos que em 1930 se levantaram para melhorar a nossa democracia e em 1932 se rebelaram contra a Ditadura? Será por falta de programa que negam o seu apoio ao candidato democrático e continuam com a consciência empenhada ao Ditador? Será por ser inadequado ou insuficiente semelhante programa?

Nada mais restaria agora aos selertes partidários da Ditadura, senão a alegação de ser militar o nosso candidato. Mas tal impugnação fazem-no eles à socapa, e não públicamente, porque militar também é o seu suposto candidato, o candidato que pretendem substituir, no momento azado, pelo Ditador em pessoa.

Que argumentos, que armas lhes restam agora? Ainda e sempre as armas da insídia. Afirmam nas reuniões mais ou menos clandestinas que realizam estricados muitas vezes na autoridade de altos cargos ser a revolução o ver

dadeiro desígnio das oposições.

Devem êles saber melhor do que ninguém, por não desconhecêrem o que nos prepara o govêrno, se haverá motivos suficientes para o recurso extremo dos povos vilipendiados. De tôda forma, a tão triste e comprometedor argumento se reduz hoje a sua dialética.

---